

DETRAINDO O AUTOR: (IN)FIDELIDADE TEXTUAL NA TRADUÇÃO DE *MACUNAÍMA* DE E.A. GOODLAND¹

Albert BRAZ²

RESUMO

O presente artigo estabelece uma comparação entre *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e a versão em inglês, de E.A. Goodland. Questões ligadas ao processo tradutório e as adaptações necessárias (ou não) são discutidas a partir da perspectiva da internacionalização da produção literária e das traições a que o autor e texto traduzidos são expostos.

Palavras-chave: tradução; *Macunaíma*; literatura mundial.

ABSTRACT

This article establishes a comparative dialogue between *Macunaíma*, by Mário de Andrade, and its English version, a translation by E.A. Goodland. Topics involving the translating process and the (un)necessary adaptations are discussed from the point of view of the process of internationalization of literary production and the alterations, on a cultural basis, to which both translator and text are exposed to.

Keywords: translation; *Macunaíma*; World Literature.

Em um breve ensaio sobre tradução, Margaret Atwood apresenta algumas observações bastante perspicazes, porém, preocupantes sobre as implicações práticas e políticas envolvidas na tentativa de traduzir um texto de uma língua e uma cultura para outra. Atwood destaca que, enquanto a palavra tradução (*translation*) pode sugerir ‘um transporte’ para outro território, seu equivalente na língua francesa, *traduction*, tem, para os falantes do inglês, uma conotação mais sinistra: ser traduzido (*traduced*) é “ser difamado por alguém que conta mentiras sobre você” (1999b, p.154). Além disso, ela ainda acrescenta:

Toda tradução (*translation*) é, de certa forma, uma difamação ou detração (*traduction*). Ela conta mentiras sobre o texto original, mentiras que não podem deixar de ser contadas, pois necessariamente deve omitir os sabores, os sons e as texturas do original em sua tentativa de reproduzir o sentido (ou, obviamente, vice-versa). Assim, toda tradução (*translation*) é também uma leitura crítica de um texto, no qual o(a) tradutor(a) deve fazer suas escolhas sobre o significado e os valores acústicos e, portanto, a melhor interpretação do original. O que

¹Tradução: Liane Schneider e Rosângela O S Araújo (Universidade Federal da Paraíba -UFPB). As primeiras versões deste ensaio foram apresentadas em “O Bom, o Mau e o Belo,” uma mini-conferência sobre tradução, na Universidade de Alberta, em setembro de 2005, e em uma palestra intitulada “A literatura mundial: a necessária mediação das antologias e da tradução”, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em abril de 2007. Eu gostaria de agradecer as duas organizadoras Anne Malena e Liane Schneider, respectivamente. Também gostaria de expressar minha gratidão à Rubelise da Cunha (FURG), que me indicou para uma bolsa pela Associação Brasileira de Estudos Canadenses (ABECAN), o que me permitiu visitar a UFPB e a outras universidades brasileiras em 2007.

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade de Toronto. Professor da Universidade de Alberta - Canadá.

poderia ser mais frustrante? Como transmitir o gosto sutil de uma língua? O que fazer com os trocadilhos, as piadas que não têm equivalência, rimas internas, coloquialismos? Serão as notas de rodapé enganosas? (1999b, p.154).

Atwood conclui que, já que a tradução (translation) é sempre uma leitura e, portanto, algo “aproximado”, o melhor que o tradutor pode fazer é “criar um texto paralelo. Esse sempre irá difamar, sempre irá mentir. Mas se a tradução for boa, ela irá transportar o texto através do espaço indefinido que separa um mundo de outro” (1999b, 154). Contudo, o argumento de Atwood é problemático, já que, após afirmar que todas as traduções mentem, ela continua a diferenciar traduções “boas” de outras, presumivelmente más. Será que isso significa que algumas traduções mentem mais, ou melhor, do que outras? Se sim, qual seria a importância desse fato? Talvez o mais importante aqui seja questionar se existem mesmo traduções incompetentes e, caso isso, de fato, ocorra, como se pode perceber isso. A questão da competência linguística é o que buscarei analisar ao longo deste ensaio, enquanto analiso a tradução de E. [A.] Goodland da obra de Mário de Andrade, *Macunaima*. O romance de Andrade é extremamente difícil, o que é típico dos clássicos modernistas. No entanto, Goodland modifica tanto o texto que está convertendo para o inglês que, por vezes, seu texto não é “paralelo” ao de Andrade, tornando-se, sim, totalmente desconectado desse.

Ainda no início do século XXI, a tradução continua sendo um tema de difícil apreensão. Tendo a concordar com William Deresiewicz, quando este afirma que a tradução é “inerentemente populista”, e que o desprezo por ela em parte reflete um desejo de manter a literatura longe de mãos sujas de quem não sabe, de qualquer forma, apreciá-la. Conforme o autor, o argumento típico é de que, se a pessoa fosse realmente culta, ela leria a obra na língua original, não precisaria confiar em traduções. Concordo mais uma vez com Deresiewicz quando esse afirma que uma atitude freqüentemente apenas condescendente em relação à tradução é um tanto hipócrita. Como questiona o autor, “existe realmente algum autor que preferiu não ser traduzido?” (2005, p.36). É claro que a resposta é positiva. Há vários autores que recusam que seus textos sejam traduzidos para idiomas considerados dominantes, principalmente no caso de traduções para aquelas línguas pelas quais eles próprios, bem como seus povos, se sentem oprimidos (Robinson, 1996, p.173). Ainda assim, obviamente nem sempre é tão evidente o que se compreende por ‘tradução’. Creio que no cerne do dilema está a questão da autoria. A tradução é freqüentemente considerada “uma atividade profundamente desestabilizadora”, pois pode nos fazer questionar “o proprietário do texto”, trazendo à tona toda uma discussão sobre “direitos de propriedade intelectual” e as conexões entre textualidade e poder (Hemmungs Wirtén 2004, p.56). Porém, mesmo que não se tenha as mesmas convicções de Isaac D’Israeli, quando esse defende que “o tradutor é um pintor que [...] deve revelar cuidadosamente os *traços* do seu modelo”, é difícil desconsiderar sua afirmação de que a autoria na tradução é única e que, quando alguém começa a “compor” ao invés de copiar, “deixa de ser um *Tradutor* e passa a ser um *Autor*” (1791, p.227-28). O status ambíguo da autoria em relação ao tradutor é bem ilustrado em um recente relato sobre um encontro de tradutores internacionais em Porto Alegre. De acordo com uma escritora, diferentemente do que ocorre no Brasil, os tradutores na Alemanha são “considerados criadores de obra original” (Michahelles 2007, p.56). Contudo, ela prossegue afirmando que a razão pela qual “a tradução não pode ser perfeita” é pelo fato de que ela é uma “recriação de um texto em outra língua, com outros meios de expressão, outros códigos” (Michahelles 2007, p.58). De fato, eu diria que, por definição, a tradução exclui a possibilidade de autoria completa. A tradução requer alguma forma de transculturação, exigindo que uma obra de arte seja transportada de uma cultura para outra (Braz 2007, p.17). Conseqüentemente, no momento em que um tradutor se torna autor, no sentido de produzir uma criação doméstica, nenhuma tradução parece possível, uma vez que esse não está transmitindo uma obra de outra cultura para sua própria.

O fracasso de Goodland em sua versão de *Macunaíma* não reside apenas no fato de ele se esforçar em deslocar o texto de Andrade, criando uma obra autônoma, mas, ao invés disso, deve-se ao fato de ele nem sempre capturar as sutilezas do texto brasileiro e, por isso, ser incapaz de reproduzir partes cruciais do mesmo. Para ser justo com Goodland, pelo menos um crítico afirma que sua tradução tem “passagens descritivas de considerável eloquência” (Coleman 1985, n.p). Além disso, como mencionei anteriormente, o romance de Andrade é extremamente complexo, no mínimo devido à vasta incorporação de estórias e palavras aborígenes. Na verdade, o especialista em literatura brasileira David Haberly define *Macunaíma* como “um livro completamente intraduzível” (1983, p.146). *Macunaíma*, que é geralmente considerada uma das “maiores obras da literatura brasileira” e um “livro modernista por excelência” (Haberly 1983, p.191; Martins 1965, p.191), é, de várias formas, uma tradução. Partindo de uma tradição da indigenização autoconsciente na literatura brasileira, Andrade se apóia largamente em textos com os quais se deparou, principalmente textos etnológicos, tais como a celebrada coletânea de contos da Amazônia *Vom Roraima zum Orinoco*, de Theodor Kock-Grünberg. Logo após finalizar seu texto, Andrade realmente escreveu para o poeta e crítico Manuel Bandeira contando que sua tarefa mais difícil “foi traduzir para o português as palavras brasileiras do livro” (Andrade e Bandeira 2000, p.473). A explicação de Andrade é um tanto vil, já que suas próprias cartas aos seus amigos escritores, incluindo àquelas enviadas a Bandeira, são geralmente compostas em português ortodoxo, o que, de acordo com sua forma de pensar, as tornariam “não-brasileiras”. Isso dito, não há dúvida de que parte da dificuldade de se entender *Macunaíma* resulte da vasta apropriação que faz das diversas culturas brasileiras, ou melhor, das culturas indígenas amazônicas. Andrade identificou seu texto como uma “rapsódia”, presumivelmente por ser “um leve descaminho”, bem como uma tentativa de transformar “eventos históricos e contemporâneos em expressões literárias autênticas da mente popular” (Haberly 1983, p.146). Buscando ser fiel à simplicidade, a exemplo da maioria dos outros críticos, considerarei tal texto um romance. Seja como for que se classifique o mesmo, no entanto, *Macunaíma* tem sido descrito como “o primeiro e mais relevante caso de intertextualidade [aborígene]” das Américas (Sá 2004, p.4), algo que é particularmente evidente na figura de seu protagonista, o *trickster* amazônico, *Macunaíma*, que assume várias formas. O texto de Andrade basicamente nos relata uma viagem de *Macunaíma* desde o coração da floresta amazônica até São Paulo e sua volta à Amazônia, antes que ele “ascenda aos céus para tornar-se a Ursa Maior” (1928, p. 133). No entanto, o texto é extremamente subversivo em termos discursivos, muitas vezes questionando seu próprio status. Isso ocorre de forma mais intensa em seu Epílogo, quando o narrador revela que toda narrativa baseia-se em informações que lhe foram passadas por um papagaio (1928, p.134-35).

Embora muitas das dificuldades de Goodland em traduzir o texto de Andrade estejam, de fato, ligadas ao seu insucesso na compreensão das origens aborígenes do livro, nem sempre é esse a razão dos problemas verificados. Por exemplo, a primeira maior diferença entre os dois textos envolve o próprio título do romance. Andrade intitula seu trabalho de *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*, que se traduz como “*Macunaíma, the hero without any character*”³. Goodland, ao contrário, simplesmente intitula sua tradução de *Macunaíma*. Ao descartar o subtítulo, ele elimina uma dica central sobre a personalidade de seu protagonista. Pois, de fato, *Macunaíma* é um *trickster* aborígene, alguém que pode simultaneamente ser um “herói de uma cultura” e um “bufão egoísta” (Caroll 1984, p.106). Mais especificamente, ele não apenas tem o poder de se transformar voluntariamente em quase qualquer coisa, humana ou não-humana, mas claramente carece de caráter fixo, ou mesmo de qualquer caráter. Andrade, inclusive, em outra carta a Bandeira, disse que esse protagonista é definido pelo seu egoísmo ou egocentrismo. Nas palavras do autor,

³ A não ser que indicado, todas as traduções do português para o inglês são do próprio autor do artigo. O texto original em inglês recebeu o seguinte título: **Translating the Author: Textual (In)Fidelity in E.A. Goodland’s Translation of *Macunaíma***³

“Macunaíma vive por si, porém possuiu um caráter que é justamente o de não ter caráter” (Andrade e Bandeira, 2000, p.363). No próprio romance, Andrade faz com que seu narrador nos informe que Macunaíma é “muito safado e sem caráter” (1928, p.98), o que se poderia traduzir para o inglês como “very naughty and without character.” Mas, Goodland o descreve como “a shameless knave, entirely without common decency” (1984, p.119), não apenas usando uma linguagem um tanto anacrônica, mas apagando novamente a alusão à falta de cerne moral por parte da personagem. De qualquer forma, considerando-se que Macunaíma tem sido por muito tempo interpretado como um símbolo do brasileiro, em particular, ou do latino-americano, em geral, a centralidade do subtítulo parece inquestionável.

A questão do caráter de Macunaíma, ou a ausência deste, também está ilustrada em uma frase que o protagonista articula através de todo o texto e que Goodland mais uma vez falha em transmitir. Quando lhe pedem que faça algo, geralmente Macunaíma responde: “ai, que preguiça!” (Andrade 1928, p.9 ff.) – expressão que se traduz literalmente para o inglês como “ah, what a laziness”, mas que poderia possivelmente ser mais idiomáticamente reproduzida como “Ah, I’m pooped!” ou “I feel so lazy!”. Goodland, no entanto, coloca a frase nos seguintes termos: “Aw! What a fucking life!” (Goodland, 1984, 3 ff.), que em português se traduziria por “Ah, que vida fodida!”. O problema com a escolha de Goodland não está tão atrelada ao fato de ter optado por uma tradução não-literal, ou de que essa seja desnecessariamente vulgar, mas sim que ela não capta os estereótipos a respeito da letargia, da preguiça e da ociosidade tropicais brasileiras tão claramente evocadas por Andrade (Ribeiro 1999-2000, p.75). Uma das razões pelas quais Macunaíma não tem caráter, sendo, exatamente por isso, um tão problemático “herói” regional ou nacional, deve-se ao fato de ele ser incorrigivelmente preguiçoso. Na verdade, não apenas o “herói” de Andrade não se dedica a nada, mas também não aprova a dedicação de qualquer outra pessoa. Como ele esclarece, aos gritos, ao retornar à Amazônia: “Diabo leve quem trabalha!” (1928, 123), que Goodland, dessa vez corretamente, traduz como “the devil take people who work” (1984, p.151).

Outro exemplo em que Goodland falha claramente em reproduzir o texto de Andrade é em sua versão do ditado mais popular de Macunaíma. Ao longo do texto, Macunaíma apresenta a seguinte declaração profética:

POUCA SAÚDE E MUITA SAÚDE, OS MALES DO BRASIL SÃO!
(1928, 0.56 56ff.)

Essa é uma expressão cujo equivalente mais próximo em inglês provavelmente seja: “POOR HEALTH AND TOO MANY ANTS ARE THE ILLS OF BRAZIL”. No entanto, além de substituir as letras maiúsculas por minúsculas, Goodland incompreensivelmente traduz a frase da seguinte forma:

With fewer ants and better health
Brazil will lead the world in wealth! (1984, p.64ff.)

Tal frase, em português, seria um tanto diferente do original: “com menos formigas e melhor saúde, o Brasil, na riqueza, conduzirá o mundo”.

A importância do ditado é evidente já que, ao escrever para Margaret Richardson Hollingsworth em suas “Notas” de 1930 para uma tradução inglesa, que acabou não se materializando, Andrade destaca que “a frase é muito importante na significação satírica do livro e está criada ritmicamente à maneira dum provérbio” (1930, p.487). Mas, Goodland perde completamente a sátira de Andrade ao transformar um prognóstico fatalista da natureza do Brasil em uma previsão ufanista de futuro, mudando o texto de forma fundamental. As conseqüências da leitura de Goodland se tornam quase cômicas quando Andrade altera levemente seu slogan e escreve o seguinte: “Pouca saúde e muitos pintores os males do Brasil são” (1984, p.90), o que equivaleria a “poor health and too many

painters are the ills of Brazil”, o que acaba sendo traduzido por Goodland da seguinte forma: “Com menos pintores e melhor saúde, o Brasil conduziria o mundo à riqueza”. (1984, p.109). Apesar do seu tradutor inglês, o que Andrade parece estar sugerindo é que, ao invés de serem os salvadores do país, os artistas brasileiros podem ser uma das causas de seu subdesenvolvimento.

Goodland, na verdade, parece sentir-se extremamente desconfortável com as implicações da falta de caráter de Macunaíma, especialmente quando o *trickster* trapaceiro é alegoricamente interpretado como um símbolo do Brasil. O próprio Andrade faz afirmações contraditórias sobre os vínculos entre o protagonista e sua nacionalidade. A certa altura o autor afirma que a razão para seu Macunaíma criança ser mais desenvolvido do que o adulto baseia-se no fato de que “a criança está caracterizada *justamente porque ainda* não é um homem brasileiro. Fiz questão de mostrar e acentuar que Macunaíma como brasileiro que *é não tem caráter*” (Andrade e Bandeira 2000, p. 359). Afirma depois, em outro momento, que “Macunaíma não é símbolo do brasileiro,” mas “nele se revêem algumas características do brasileiro” (Andrade e Bandeira 2000, pp. 363-64). Assim, enquanto discute a tradução proposta por Hollingsworth, Andrade confidencia que é possível que “*Macunaíma* ganhe em inglês porque muito secretamente o que [me] parece é que a sátira além de se dirigir ao brasileiro em geral” é “também uma sátira mais universal ao homem contemporâneo, principalmente sob o ponto-de-vista desta sem-vontade itinerante, destas noções morais criadas no momento de as realizar que sinto e vejo tanto no homem de agora” (Andrade e Bandeira 2000, p. 473). De qualquer forma, se Macunaíma é visto como um símbolo do Brasil ou do homem moderno, não há como fugir de sua falta de personalidade. Contudo é exatamente a esta nulidade ética que Goodland sistematicamente resiste. Assim, logo no início de seu texto, Andrade nos apresenta seu protagonista invocando o deus do sonho:

Acutipuru,
Empresta vosso sono
Pra Macunaíma
Que é muito manhoso! . . . (1928, p. 24)

Goodland, no entanto, elabora a estrofe de maneira bem diferente:

O Acutipuru!
Lend the priceless boon of sleep
To Macunaíma,
For his heart is wounded deep! (1984, p.23)

Quer dizer, mais uma vez, ele minimiza a falta de integridade do protagonista, transformando uma sugestão a sua natureza esperta em capacidade de amar outro indivíduo e, mais corretamente, de ser ferido por este amor, o que não aparece no original.

Há muitos outros exemplos em que o texto de Goodland diferencia-se radicalmente do texto de Andrade, alguns dos mais convincentes ocorrendo geralmente quando ele acrescenta informações adicionais à narrativa na tentativa de torná-lo mais culturalmente acessível a seus leitores. Por exemplo, ele traduz o “Exu diabo” de Andrade (1928, p. 45) como “Exu, o poderoso diabo da África” (1984, p. 50) e “terra dos ingleses” (1928, p. 76) como “Guiana Britânica” (1984, p. 90). Igualmente, quando Andrade descreve “o bicho Pondê um jucuruto do Solimões” (1928, p. 110), ele escreve que a criatura conhecida como Pondê, o corujão chifrudo do Solimões, como o Rio Amazonas é conhecido no extremo norte (1984, p. 135). Entretanto, nem todas as interpolações textuais de Goodland são desinteressantes. Assim, quando Andrade afirma que este “mundo tem três barras que são a perdição dos homens: barra de rio, barra de ouro, e barra de saia” (128, p. 86), Goodland reproduz a frase da seguinte maneira: “neste mundo há três barras que são a perdição da humanidade: a barra de areia no rio – onde as lavadeiras discutem constantemente; a barra

de ouro – pela qual tanto amigos como ladrões brigam; e a barra de saia que não cairá” (1984, p. 103). Faz-se desnecessário dizer que, ao descrever as razões pelas quais as três barras supostamente atormentam o homem, Goodland não está traduzindo Andrade, mas produzindo seu próprio texto. Talvez até mais óbvio seja seu comentário sobre um escritor clássico português, de quem ele obviamente nunca tinha ouvido falar, tampouco lido. Na tradução de Goodland, depois que Macunaíma chega à estranha, mas atraente cidade de São Paulo, este decide matar tempo num parque lendo “um romance de Eça de Queirós, uma bem considerada escritora de romances (1984, p. 106). Obviamente não é exatamente isso que o texto original diz. Na verdade, tudo que Andrade escreve é que, antes de Macunaíma ir ao parque ele “agarrou num romance de Eça de Queirós” (1928, 88). Há uma boa razão para Andrade não dizer nada sobre Queirós ser “uma escritora de romances”, considerada ou não, uma vez que Queirós não era do sexo feminino, como se pode ver pelo seu nome completo: José Maria Eça de Queirós.

Concluindo, a tradução de *Macunaíma*, de E.A. Goodland levanta uma série de questões não apenas sobre competência lingüística em tradução e a própria natureza da tradução, mas também sobre o conceito de literatura mundial. A literatura mundial tem sido descrita como formada por “todas obras literárias que circulam para além de sua cultura de origem” (Damrosch 2003, 4). Para a grande maioria dos escritores do mundo que escrevem em línguas não-dominantes, tal passo só se torna possível através da tradução. Esta realidade pode explicar porque o desejo da tradução parece ser quase universal entre os escritores. Mas, enquanto há um consenso geral de que a tradução é essencial para a disseminação da literatura, ela ainda tende a ser vista como um mal necessário. Como afirma William Deresiewicz, “sentimo-nos tentados a brincar com a citação de [Oscar] Wilde: a única coisa pior do que ser traduzido é não ser traduzido” (2005, p. 36). A questão que parece atormentar qualquer tradução constantemente é a seguinte - quanto do texto original permanece realmente ali? Por exemplo, se uma tradução, como a de Goodland, difere claramente da obra que ela deveria tomar como modelo, qual é sua intenção? Mais importante ainda, se ela não consegue transportar uma obra de arte através de diferentes culturas, ela realmente se constitui como tradução? Semelhantemente, será que o texto original entra mesmo para a literatura mundial ou esse é simplesmente deslocado na nova criação inventada pelo centro imperial? A questão que envolve a relação entre uma tradução e seu suposto modelo é particularmente relevante no caso de *Macunaíma*. Em seu romance *The Ventriloquist's Tale*, a escritora britânico-guianense Pauline Melville faz Macunaíma inquirir seu “biógrafo, o conceituado brasileiro Senhor Mario [sic] Andrade,” acusando-o de ter entendido sua história “de forma incorreta” (1997, p. 1). Essa posição de Melville também ecoa na voz da crítica April Shemak, que declara que textos como o de Andrade são “traduções errôneas do indigenismo” (2005, p.354). Mas o que ambas, Melville e Shemak, não percebem é que grande parte do que consideram ser obra de Andrade, são, na verdade, criações de Goodland.

Espero que esteja claro que não compartilho com o senso comum de que a tarefa dos “tradutores [...] seria de transformar ouro em chumbo” (Mason 2005, p. 26). Ainda assim, há que se reconhecer que enquanto *Macunaíma* de Andrade é um clássico no Brasil, a tradução de Goodland não tem tido quase nenhum impacto no mundo falante da língua inglesa. Deste modo, não se pode deixar de examinar se Andrade teve sucesso no Brasil por razões culturais e políticas, reconhecidamente pela auto-indigenização, ou devido a seu estilo. Por contraste, o insucesso de Goodland estaria ligado ao fato de ele estar lidando com material de outra cultura ou por não ter conseguido reproduzir a obra de Andrade, como fica evidente em seus distanciamentos do original? Acho que, de certa forma, estou admitindo que a competência lingüística pode não ser suficiente para assegurar a integridade de uma tradução. Evidentemente não acredito em tradução através de “telepatia do coração”, citando a expressão usada por Milan Kundera ao descrever obras produzidas por tradutores que não conhecem a língua do texto de origem (apud Mason 26). Ainda assim, a habilidade de escrever do escritor parece essencial para o sucesso de uma tradução. Como Margaret Atwood observou sobre o sucesso fenomenal do clássico infantil, *Anne of*

Green Gables, de L.M. Montgomery, no Japão, uma das razões principais para que esse adorável texto canadense tenha sido tão calorosamente abraçado pelos japoneses é que ele foi traduzido por um “escritor bem conhecido”, que produziu “uma tradução muito boa” (1999a, p. 167). Desnecessário dizer que este não tem sido o destino, em inglês, de *Macunaíma*, *o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. Trans. E.A. Goodland. New York: Random House, 1984.
- _____. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. 1928. Ed. Telê Porto Ancona Lopez. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.
- _____. “Notas para a tradução norte-americana: 1930.” *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica. Ed. Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Coleção Archivo, 1996. 482-89.
- ANDRADE, Mário de, and BANDEIRA, Manuel. *Mário de Andrade, Manuel Bandeira*. Ed. Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Edusp and IEB, 2000.
- ATWOOD, Margaret. Interview with Eleanor Cook. *Literary Imagination* 1.1 (1999a): 159-69.
- _____. “Translation: Three Small Entries.” *Literary Imagination* 1.1 (1999b): 154-55.
- BRAZ, Albert. “The Unstable Creator: Textual Additions and Deletions in *A Martyr’s Folly*.” *Canadian Cultural Exchange: Translation and Transculturation/ Échanges culturels au Canada: traduction et transculturation*. Ed. Norman Cheadle and Lucien Pelletier. Waterloo, ON: Wilfrid Laurier UP, 2007. 15-28.
- CARROLL, Michael P. “The Trickster as Selfish-Buffoon and Culture Hero.” *Ethos* 12.2 (1984): 105-31.
- COLEMAN, Alexander. “A Hero of Enormous Appetites.” Rev. of *Macunaíma*, by Mário de Andrade, trans. E.A. Goodland. *New York Times*, 3 March 1985. Downloaded 9 May 2007. <http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9507E5D61339F930>
- DAMROSCH, David. *What Is World Literature?* Princeton: Princeton UP, 2003.
- DERESIEWICZ, William. “The Interpreter.” Rev. of *If This Be Treason: Translation and Its Discontents: A Memoir*, by Gregory Rabassa. *New York Times Book Review* 15 May 2005. 36.
- D’ISRAELI, Isaac. “Translation.” *Curiosities of Literature* I. 1791. New York: Garland, 1971. 226-28.
- HABERLY, David T. “The Harlequin: Mário de Andrade.” *Three Sad Races: Racial Identity and National Consciousness in Brazilian Literature*. Cambridge: Cambridge UP, 1983. 135-60.
- HEMMUNGS WIRTËN, Eva. *No Trespassing: Authorship, Intellectual Property Rights, and the Boundaries of Globalization*. Toronto: U of Toronto P, 2004.
- MARTINS, Wilson. *The Modernist Idea: A Critical Survey of Brazilian Writing in the Twentieth Century*. 1965. Trans. Jack E. Tomlins. New York: New York UP, 1970.
- MASON, Wyatt. “Swann’s Ways: Adventures in Literary Translation.” *New Republic* 17 January 2005. 26-33.
- MELVILLE, Pauline. *The Ventriloquist’s Tale*. 1997. London: Bloomsbury, 1998.
- MICHAHELLES, Kristina. “Delicada teia de erros e acertos: encontro internacional de tradutores expôs em Porto Alegre as dificuldades e a rotina do ofício na Alemanha e no Brasil.” *Língua portuguesa* 2.18 (2007): 56-58.
- RIBEIRO, Gustavo Lins. “*Macunaíma*: To Be or Not to Be, that Is the Question.” *Journal of Latin American Anthropology* 4.2/5.1 (1999-2000): 60-77.
- ROBINSON, Douglas. *Translation and Taboo*. DeKalb: Northern Illinois UP, 1996.
- SÁ, Lúcia. *Rain Forest Literatures: Amazonian Texts and Latin American Culture*. Minneapolis: U of Minnesota P, 2004.
- SHEMAK, April. “Alter/Natives: Myth, Translation and the Native Informant in Pauline Melville’s *The Ventriloquist’s Tale*.” *Textual Practice* 19.3 (2005): 352-72.